



ESTÉTICAS DA VIGILÂNCIA: ANÁLISE DO CASO DE VIOLÊNCIA EM SUPERMERCADO PUBLICADO NO FACEBOOK

Diogo Cavalcanti da Conceição ¹
Fabio Gomes Goveia ²

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a presença de elementos da sociedade da vigilância em um caso de violência em supermercado em São Paulo neste ano veiculada no Facebook. O objetivo é compreender e encontrar elementos que caracterizam a sociedade da vigilância (como narrativas feitas por meio de vídeos de celulares, câmeras de segurança) e a credibilidade a eles conferida. Para isso, será realizada análise conforme filtro e varredura da ferramenta Fan Page Karma. A pesquisa usa como principais autores Shipley (2022), Lyon (2001), Moro; de Lima; Firmino (2021). A vigilância é sobretudo substanciada pelos vigiados, que podem utilizar registros para a defesa de direitos em territórios, mesmo que sob a ótica do controle.

Palavras-chave: Sociedade da Vigilância, Violência em supermercados, Narrativas Audiovisuais, Redes Sociais, Câmeras de Segurança.

INTRODUÇÃO

Dos métodos disciplinares de enfrentamento às pestes no século XVII (FOUCAULT, 2014), ao monitoramento de passos nas redes sociais para *profilagem*³ (BEIGUELMAN, 2021); o esforço imprimido na identificação, individualização e vigilância assume novos moldes com o desenvolvimento tecnológico e modificação comportamental dos atores sociais.

A ótica da vigilância, para Lyon (2001), pode aumentar despoticamente o poder de quem exerce o controle. Assim, a tecnologia permite que sejamos diferenciados uns dos outros, de acordo com “critérios das organizações — a partir dos quais entram em ação análises transacionais, comunicacionais e comportamentais” (2001, p.4).

Com a participação dos cidadãos na criação de conteúdos, impulsionada pelo maior acesso a dispositivos tecnológicos, entende-se que, se por um lado a ótica da vigilância amplia o poder dos que observam, há um incremento de possibilidades nos olhares mostrados pelos outrora somente observados. Para Shipley (2022), a democratização dos telefones celulares modificou a maneira como as gravações são vistas. Antes aparatos exclusivos de grandes

¹ Mestrando em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - ES, xdiogocavalcantix@gmail.com

² Professor e orientador da Universidade Federal do Espírito Santo - ES, fabiogv@gmail.com.

³ Acumulação dos dados pessoais com base em gostos e hábitos utilizados para prever comportamentos nas redes sociais



produtoras, hoje ferramentas de alta qualidade presentes no cotidiano de cidadãos comuns: produtores de narrativas autobiográficas, com pontos de vistas ampliados e empíricos.

Em adição a essa ideia, traz-se o ponto de Moro, de Lima, Firmino (2021) que atentam para a semelhança das câmeras de vigilância às filmadoras e ao olho biológico do vigia — em um só dispositivo, duas formas tecnológicas. Por terem sido criadas com o objetivo de flagrar o que não se pode sempre ver, elas passam a impressão para muitos, segundo os autores, de que a narrativa obtida pelos registros assume um caráter sempre assertivo e indubitável, não podendo, então, ser ressignificada; o que é um equívoco.

VIOLÊNCIA EM SUPERMERCADOS

Apesar de ter sido desenvolvido para ambientes prisionais, militares, grandes companhias, hoje o monitoramento dos indivíduos contempla “praticamente todos os ambientes humanos do planeta, de condomínios residenciais a escolas, supermercados (...)” (MORO; DE LIMA; FIRMINO, 2021, p.5). No Brasil, nos últimos anos foram divulgados pela imprensa, nas redes sociais, casos de agressão em comércio. Os episódios se repetem e trazem consigo elementos em comum além da violência: a narrativa audiovisual.

Para redes sociais, será considerado nesta pesquisa o Facebook. Em uma rede muito utilizada no Brasil como o Facebook — o país é o quarto colocado em nações com o maior número de usuários da rede, com 109,05 milhões Statista Research Department (2023) — o encontro de discursos é presente e abre palco para um espectro de narrativas e convergência de convencimento.

Nesse sentido, entende-se que, em um contexto nacional de violência, casos de abuso e suspeição em supermercados são recorrentes, o que substancia a divulgação desses nas redes pelos cidadãos e empresas, por meio de perfis. Absorve-se a ideia de que é considerado território de controle, subsistência, existência, um supermercado em que uma situação de agressão acontece, por exemplo; assim como o Facebook, rede em que se situam narrativas construídas com diferentes escolhas estéticas para o convencimento e proposição de ângulos do discurso.

Haesbaert (2010) frisa a constituição do conceito de território não como uma ideia estática, como a noção de unicamente concreta, ou até mesmo abstrata (genérica). Mas de um espaço construído por aqueles que o compõem, isto é, que traz consigo a multiplicidade das relações e ocupações pertencentes à sociedade.



Para Han (2017), o Poder e Violência se diferenciam, mas podem caminhar em conjunto quando se sustentam como fim e meio, respectivamente. A Violência é destrutiva, visa e encontra seu fim no aniquilamento da vítima.

Este estudo defende a relevância do tema proposto dada a gravidade e frequência dos acontecimentos, e, sobretudo, ao entendimento de que não há verdade absoluta na construção narrativa. Ângulos diversos trazem consigo pontos de vista territoriais distintos e justificativas para a utilização desses.

METODOLOGIA

Com auxílio da ferramenta Fanpage Karma, foi selecionado o post no Facebook sobre o tema violência no supermercado (que contém arquivos de vídeo) com o maior número de compartilhamentos em 2023. As palavras-chave utilizadas foram “violência supermercado”.

O objetivo foi encontrar elementos que caracterizassem sociedade da vigilância (como narrativas feitas por meio de vídeos de celulares, câmeras de segurança) e a credibilidade a eles conferida. O post⁴ selecionado, com 296 compartilhamentos, foi postado por Balanço Geral em 23 de maio de 2023.

ANÁLISE

No vídeo, o casal de idosos conta que foram acusados por uma funcionária do supermercado em São Paulo de furtarem carne. Segundo eles, foram abordados, já após saírem do caixa e em direção ao estacionamento, sob alegação de terem posto carne no carrinho sem passar pelo caixa. As mercadorias foram retiradas e não havia carne.

A matéria mostra a foto dos alimentos na cena. Em seguida, há um vídeo de celular com áudio do momento, no qual a senhora é mostrada passando mal. Há, entre os relatos, fotos da vítima no hospital e do Boletim de Ocorrência realizado pelas vítimas.

O mercado enviou nota negando as acusações, e alegou ter sido um mal entendido, visto que funcionárias conversavam entre si e o casal pensou se tratar deles. Ao final, o apresentador do programa sugere que o supermercado envie as imagens das câmeras de segurança para que seja tirada “toda essa dúvida”.

O episódio contém o ponto de vista empírico do casal substanciado pela gravação em celular (SHIPLEY, 2022). A premissa de que o estabelecimento possui o circuito de monitoramento confirma a ideia de que câmeras de segurança são naturalmente posicionadas para flagrar movimentos inesperados (MORO; DE LIMA; FIRMINO, 2021) e isso é

⁴ <https://fb.watch/o6DFWumLY9/>



subentendido pelo público em geral, que sabe estar sendo observado. A veracidade atribuída pelos cidadãos aos registros é um ponto defendido pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais permitem a postagem de conteúdos veiculados em outros meios, como nesse caso a televisão. A convergência de conteúdos dada a evolução tecnológica propicia maior exposição de elementos factuais, que denotam a produção de narrativas, seja por empresas, ou pelos próprios cidadãos.

A vigilância é sobretudo substanciada pelos vigiados, que podem utilizar registros para a defesa de direitos em territórios, mesmo que sob a ótica do controle. Os aparatos tecnológicos viabilizam estéticas da vigilância distintas, e permitem que o “olho humano” esteja presente, mesmo que observado.

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. 2021. São Paulo: Ubu;
- FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fabio. Private video monitoring of public spaces: The construction of new invisible territories. **Urban Studies**, v.53 n.4, 2015, pp.741- 754.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 2014. 288p;
- HAESBAERT, R. (2010). **Território e multiterritorialidade**: um debate. *GEOgraphia*, 9(17). <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>;
- LYON, David. Surveillance, power and everyday life. *In*: AVGEROU, Chrisanthi; MANSELL, Robin; SILVERSTONE, Roger (ed.). **The Oxford Handbook of Information and Communication Technologies**. [S. l.: s. n.], 2009. cap. 19. Disponível em: https://panoptikon.org/sites/default/files/FeedsEnclosure-oxford_handbook_3.pdf. Acesso em: 4 nov. 2023;
- MORO, G.H.M.; DE LIMA, F.A.; FIRMINO, R.J. **A subversão da imagem e a imagem da subversão: o aparato como construção de narrativas em câmeras de segurança**. *Rev. Tecnol. Soc.*, Curitiba, v. 17, n. 49, p.133-156, out./dez., 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfrpr.edu.br/rts/article/view/14490>;
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. [S. l.]: Sulina, 2009. 191 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259328435_Redres_Sociais_na_Internet;
- SHIPLEY, Jesse Weaver. **Filming as being, images as evidence**. HAU: JOURNAL OF ETHNOGRAPHIC THEORY: FORUM: BIG MOUTH: SEXUAL VIOLENCE, EVIDENCE AND AMBIGUITY, Chicago, Illinois, v. 12, ed. 3, p. 925 - 933, 2022. DOI <https://doi.org/10.1086/725663>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/epdf/10.1086/724090>;
- STATISTA RESEARCH DEPARTMENT. **Leading countries based on Facebook audience size as of January 2023**. [S. l.], 2023. Disponível em <https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users>;